



Perceber-se e aprender-se: caminho para o autoconhecimento

Carla Sewald Vieira ¹

Resumo: A percepção e aprendizagem são assuntos que foram tratados por tantos estudiosos e ainda hoje permanecem atuais, porque a vida é dinâmica, sendo preciso acontecer sempre uma atualização. E como tudo parte de como o indivíduo se conhece, o tema deste trabalho é “Perceber-se e aprender-se: caminho para o autoconhecimento”. Este tema nasceu à pesquisadora quando ela participou das oficinas de artes da disciplina “Arte e Cultura Humanista I”, que despertou nela percepções de como ela se conduz quando impacta uma novidade, verificando que algumas coisas não são funcionais à sua vida e percebendo que sempre é possível mudar para crescer. Assim, o objetivo desta pesquisa é estudar sobre a percepção como caminho de acesso para o homem aprender a si mesmo e ser aquilo que é. Buscou-se em alguns autores os seus estudos sobre o que é percepção, como e qual informação é percebida, se a informação percebida é útil e funcional à identidade da pessoa e estudou-se sobre a alternativa para o homem perceber-se exato: a metanoia, tema abordado pela Ciência Ontopsicológica. Foi também relatado o que a pesquisadora vivenciou e percebeu nas oficinas de artes. Na sequência do trabalho foi costurado o fazer (vivência nas oficinas) e a teoria tratada no capítulo de fundamentação teórica. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica e a narrativa. O presente trabalho aponta para a importância do homem se perceber exato para ser aquilo que é e ser função sadia a si e à sociedade.

Palavras-chave: Percepção; arte & fazer; aprender; metanoia e autoconhecimento; Ontopsicologia.

To self perceive and self learn: path to self knowledge

Abstract: The perception and learning process are issues that have been addressed by many scholars and still remain update, because life is dynamic, and it must always happen an update. And as all part of how the individual know himself, the theme of this work is: The self perception and learning: a path to self-knowledge. This theme was realized by the researcher when she participated at the art workshops at the discipline Arts and Humanistic Culture I, which aroused her perceptions of how she behaves when impacts the new, noting that some things are not functional for your life and realizing that it is always possible to change to grow. The objective of this research is to study about perception as an access path to human being learn about himself and to be what it really is. It was researched through some authors studies about what is the perception, how and what information is perceived, if the information perceived is useful

¹ Empresária, Especialização em Psicologia com abordagem em Ontopsicologia pela Universidade Estatal de São Petersburgo-Rússia, estudante do Bacharelado em Ontopsicologia, Primeira Turma, Faculdade Antonio Meneghetti. E-mail: carla@colibriviagens.com

and functional to the identity of the person and it was studied about the alternative for human being to perceive itself in an exact way: metanoia, theme approached by the ontopsychological science. It was also reported what the researcher has experienced and perceived at the art workshops. The work was compared of what it has been done, the doing process (the experiences at the workshops) and the theory treated at the theoretical foundation chapter. The methodology used was the literature and narrative research. This study shows the importance of human being to realize itself exact to be what it is, and to be healthy function to himself and to society.

Keywords: Perception; art & learning process; metanoia and self knowledge; Ontopsychology.

Introdução

Durante todo o percorrer da história sempre existiram, e ainda existem, aqueles que se preocupam em responder aos anseios da humanidade, colocando-se na posição de pesquisador e de pesquisado, buscando sempre a melhor resposta para bem viver. Importante lembrar que o pesquisador também é um ser humano e que tem os seus anseios, dificultando, muitas vezes o acesso ao conhecimento verdadeiro. No entanto, de tempos em tempos um gênio nasce, se destaca e responde, indicando o ponto crítico do verdadeiro conhecimento.

Neste sentido, o interesse em tratar sobre o assunto “Perceber-se e aprender-se: caminho para o autoconhecimento”, ocorreu a partir da participação da pesquisadora nas oficinas de escultura de argila, mosaico e pintura de iluminuras que foram realizadas na disciplina “Arte e Cultura Humanista I”, no Módulo II do Curso de Bacharelado em Ontopsicologia, da Faculdade Antonio Meneghetti. Tais oficinas despertaram algumas percepções relativas ao modo de conduzir as experiências, de impactar o novo, o que não é funcional para sua vida, e também percepções de que é possível sempre mudar para crescer.

Estudar a percepção como caminho de acesso para aprender a si mesmo e ser aquilo que se é, é o objetivo geral desta pesquisa. Os objetivos específicos são: a) relatar sobre as experiências vivenciadas nas oficinas de arte, que aconteceram na disciplina de Arte e Cultura Humanista I; b) pesquisar autores que estudaram sobre a percepção para compreender melhor o que é a percepção; c) analisar como a Ciência Ontopsicológica aborda a percepção; verificar como e qual informação se percebe durante um processo

de aprendizagem, e analisar a alternativa proposta pela Ciência Ontopsicológica como caminho para o ser humano se perceber exato: a metanoia².

Desta forma, a pesquisadora utilizou suas vivências nas oficinas da disciplina de “Arte e Cultura Humanista I” como experiência empírica para tratar sobre a percepção: o que é, como e qual informação se percebe, além de verificar se esta é útil e funcional à identidade do homem e qual caminho percorrer para efetivamente perceber-se e aprender-se.

O presente artigo estará organizado em cinco partes. O primeiro relata sobre as experiências vivenciadas nas oficinas de artes; o segundo apresenta a fundamentação teórica, sob o título: Aprendizagem e Percepção, onde são apresentados alguns autores e estudiosos que tratam sobre o tema proposto; o terceiro apresenta a metodologia científica norteadora da estrutura da pesquisa; o quarto discute o fato vivido nas oficinas com a teoria apresentada pelos estudiosos; e por fim, as considerações finais, uma síntese de tudo aquilo que foi tratado.

2 Relato das experiências vivenciadas nas oficinas de artes ministradas na disciplina “Arte e Cultura Humanista I” [coleta das informações]

A disciplina “Arte e Cultura Humanista I” tem como um dos seus objetivos: “desenvolver o pensamento através da sensibilização do discente à percepção ética-estética-cognitiva”³.

Durante o segundo módulo do curso de Bacharelado de Ontopsicologia a professora da referida disciplina propôs três oficinas, sendo elas: escultura em argila, mosaico e pintura de iluminuras, tais oficinas tinham como objetivo ilustrar o período da história da arte que estava sendo estudado e realizar atividades práticas com os alunos, no intuito de sensibilizá-los para o fazer em artes plásticas.

A escultura em argila foi a atividade escolhida junto ao estudo sobre a arte grega, mais especificamente a escultura grega (que eram feitas em mármore e bronze na época); a oficina de mosaicos foi a atividade prática na aula sobre a arte romana e

² Metanoia: “do grego = mudo a mente. Variação radical do comportamento para identifica-lo à intencionalidade do Em Si. Reorganização em evolução progressiva de todos os modelos mentais e comportamentais. A sua essência é o desinvestir-se continuamente do passado e o constituir-se sobre a funcionalidade imediata do sujeito aqui e agora, segundo a seleção do Eu a priori. Com esse termo, a Ontopsicologia entende *uma mudança do piloto Eu*: substituir o Eu formado pela doxa por aquele Eu sublimado pela intencionalidade do Em Si ôntico (MENEGETTI, 2012, p. 172).

³ Este objetivo consta publicado no Plano de Ensino da disciplina “Arte e Cultura Humanista I”, realizada no Módulo II do Bacharelado em Ontopsicologia da Faculdade Antonio Meneghetti.

paleocristã; e a oficina de pintura de iluminuras ilustrou o estudo da arte durante a Idade Média, mais especificamente sobre o trabalho dos monges junto aos manuscritos cristãos que eram produzidos nos mosteiros em locais chamados *Scriptorium* (do latim *scribere* = escrever), onde monges copiavam os evangelhos em pergaminhos e estes trabalhos eram ornamentados com iluminuras. Iluminura é uma “técnica de ilustração presente nos manuscritos medievais. O termo iluminura surge da utilização de metais preciosos (ouro e prata) para iluminar as páginas dos manuscritos” (MATIAS; LIMA; GÓIS, 2011, p. 45).

Miranda (2016), professora da disciplina de Arte e Cultura Humanista I, aponta a importância de “compreender a grandeza dos artistas e de sua produção técnica, não somente pelo estudo ou contemplação de suas realizações, mas também a partir do vivenciar e da experiência prática”.

Maslow (2003) escreve que “é a criação e a educação artística, ou, melhor dizendo, a arte através da educação pode ser particularmente importante, nem tanto por transformar artistas ou produtos artísticos, mas por tornar as pessoas melhores” (MASLOW, 2003, p. 187).

Salienta-se que a “artista-pesquisadora” é uma pessoa com temperamento racional/cerebrotônica⁴, o que dificulta algumas vezes a participação em trabalhos que exijam destreza manual, podendo ser exemplificado com uma fala sua: “*não tenho talento para trabalhos manuais e o fato de ter que me expor através da minha arte, sem talento, foi inicialmente um processo difícil e constrangedor*”.

Na sequência os relatos serão apresentados, em primeira pessoa, de forma simples e resumida sobre as percepções vivenciadas pela pesquisadora.

Primeira Oficina: escultura em argila

Inicialmente eu entrei em resistência, achando que aquilo era uma perda de tempo e que não acrescentaria em nada ao meu conhecimento, fui contrariada e quando me foi dado um bloco de argila e o tema era mulher (eu não poderia nem sequer escolher o que fazer) um misto de ansiedade e insegurança se acendeu dentro de mim. Precisei um tempo para me acalmar e trabalhar no que havia sido proposto e disse a mim mesmo: “você está aqui para vivenciar uma novidade, te acalma e coloca a

⁴ Cerebrotônico: (A energia se concentra no cérebro) A forma do corpo é de uma pessoa magra. Suas características dizem respeito a uma pessoa tensa, “elétrica” e de vivacidade adulta. Disponível em: <<http://estevamssilverio.blogspot.com.br/2009/10/tecnologia-personalidade-nas.html>> Acesso em: 25 de junho de 2016.

mão na massa”, e assim o fiz, me acalmei e me abri para experiência. Quando eu afundei as minhas mãos na argila a sensação de conforto foi muito grande, foi como eu tivesse zerado algo dentro de mim e lentamente eu consegui me concentrar no trabalho e ela começou a surgir, assim nasceu minha primeira escultura que dei o nome de Mulher Colibri.

Segunda Oficina: mosaico

Como eu já estava mais tranquila em relação a trabalhos manuais, fui para oficina de mosaico pensando que seria mais fácil, no entanto me enganei, porque tive que trabalhar/controlar a minha impaciência e irritação, porque é muito chato fazer mosaico, foi irritante ter que imaginar o que fazer e fazer surgir aquela imagem colando caquinhos de azulejo, cada um de um tamanho, de formas diferentes, de cores que acabavam na hora que você mais precisava e tendo que reinventar em vários momentos. O tempo passava e o trabalho avançava em passos lentíssimos e eu queria acabar logo. Eu não conseguia enxergar a imagem que havia desenhado inicialmente, e quando eu coleí o último caquinho, larguei o trabalho em cima de uma mesa para secar e fui embora com um misto de irritação e orgulho, pois lá no fundo tinha: “eu fiz”. Dois dias depois quando entrei na sala de aula os trabalhos estavam lá, para nós artista levarmos para casa, e para minha surpresa eu reconheci o meu trabalho e fiquei muito feliz com o resultado, claro haviam muitas imperfeições, mas eu fiz.

Terceira Oficina: pintura de iluminuras

Um ambiente quase monástico, canto gregoriano de fundo e muita harmonia. Adorei fazer este trabalho, eu entrei de corpo e alma, sem medo, sem autocrítica, e me provocava a todo instante, misturando tintas para encontrar as tonalidades que me agradassem mais, não seguindo o exemplo dado, queria fazer algo novo. Foi uma diversão e uma alegria, eu mergulhei num mar calmo que havia descoberto dentro de mim.

E foi nas oficinas de artes apresentadas nesta disciplina que eu, como aluna, vivenciei experiências importantes para a construção do meu autoconhecimento. A estimulação através do trabalho com as mãos foi uma evidência de que o corpo é o ator principal na existência e que percebê-lo como meio de comunicação e de conhecimento é fundamental para realização pessoal, ou melhor, verifica-se a capacidade de realização pessoal.

3 Aprendizagem e Percepção

“Aprender é mudar de postura”

Platão

Aprender algo novo através da estimulação sensorial para chegar ao conhecimento de si mesmo é um caminho de agradáveis descobertas. Oficinas de artes, música, esporte, teatro, cinema, dança, etc., e também de suma importância, a psicoterapia de autenticação são instrumentos de aprendizagem sobre si mesmo e que podem ser pilares importantes para trabalhar a percepção, conhecer o novo, descobrir habilidades, sair da área de conforto, enfim experimentar-se, desafiar-se e aprender-se.

No Dicionário de Ontopsicologia aprendizagem é definida como: *“Lat. Adprehendo, que significa me apropriar a partir do íntimo. Disposição a perceber o que é para mim”* (MENEGETTI, 2012, p. 24).

Rogers (2009) quando trata da aprendizagem significativa em psicoterapia define-a como:

Por aprendizagem significativa entendo aquela que provoca uma modificação, que seja no comportamento do indivíduo, na orientação da ação futura que escolhe ou nas atitudes e na sua personalidade. É uma aprendizagem penetrante, que não se limita a um aumento de conhecimentos, mas que penetra profundamente todas as parcelas da sua existência (ROGERS, 2009, p. 322).

O ato de aprender coloca o sujeito de frente diante de si mesmo, estimulando uma nova forma de ver a si mesmo e o mundo, estimulando uma mudança de mente, de valores, de crenças e descobrindo que, além da percepção externa dos sentidos (visão, audição, tato, olfato e paladar) existe uma percepção interna vital, orgânica⁵, tornando-se importante *“aprender o próprio corpo, aprender o metro de cada conhecimento”* (MENEGETTI, 2014, p. 98).

Inicialmente o processo de aprendizagem do indivíduo passa pela inserção de informação, de comportamento, transmitidos por um adulto-mãe⁶ e assimilados como verdadeiros e únicos, passando a conduzir todas as suas escolhas. No primeiro momento é bom e econômico ao indivíduo, mas com o passar do tempo se faz necessário a percepção de novos caminhos que levam à evolução individual, e para isso é necessário

⁵ “Conjunto de funções materiais e psíquicas para uma unidade de ação. Presença do Em Si ôntico no orgânico humano” (MENEGETTI, 2012, p. 198).

⁶ “Adulto que assume o papel de mãe ou que se faz situação de maior gratificação e que a criança prefere como referência simbiótica” (MENEGETTI, 2014, p. 119).

se colocar em posição de total abertura para perceber o que é útil e funcional para cada um e em cada momento.

Buscando na definição de aprendizagem dada por Meneghetti encontra-se que para aprender deve-se ter uma intenção em perceber o que é para cada um. Sendo assim: o que é percepção? Como se percebe o que é para mim?

Chauí (2012) descreve, em seu livro *Convite à Filosofia*, que a percepção é uma forma de conhecimento sensível, ou experiência sensível e que na doutrina filosófica existem duas correntes que tratam sobre a percepção, são elas: empirista e intelectualista.

A percepção para os empiristas é uma associação, uma organização de sensações (cor, sabor, odor, etc.), uma independente da outra, e que dependem de estímulos externos que atuam nos sentidos e no sistema nervoso. O conhecimento sensível é o resultado de algo externo, onde a sensação e a percepção são efeitos passivos de qualidades apresentadas pela coisa externa (o sabor, a cor, o gosto, quente, frio, etc.) (CHAUÍ, 2012). O conhecimento se dá em razão “da frequência, da repetição e da sucessão dos estímulos externos e de nossos hábitos” (CHAUÍ, 2012, p. 173).

Os intelectualistas afirmam que o sujeito do conhecimento é ativo, pois influencia nas sensações e nas percepções e o objeto externo é passivo representando somente a situação que propiciará as sensações e percepções (CHAUÍ, 2012). As percepções são os efeitos que “dependem da capacidade do sujeito para decompor um objeto em suas qualidades simples (a sensação) e de recompô-lo como um todo, dando-lhe organização e significação (percepção)” (CHAUÍ, 2012, p.173).

Chauí (2012) esclarece que o conhecimento para os intelectualistas se dá pela razão, através de princípios, regras e normas, e a experiência sensível não tem relevância, inclusive ela é controlada pela razão.

Segundo Zavalloni (1962) a percepção tem uma íntima relação com a personalidade e com a atividade do sujeito capaz de elaborar uma “síntese perceptiva”, não dependendo somente dos órgãos sensoriais. Diz ainda que, cada indivíduo tem um modo pessoal e característico de perceber e que esta maneira de perceber se diferencia em razão do desenvolvimento da personalidade durante o processo de socialização e durante suas experiências significativas.

A percepção é uma função biológica e, conjuntamente, uma função vital. É a base de nossas relações sociais e o fator que condiciona todo nosso agir. Se tal é a relação entre percepção e conduta, - como sérios estudos

experimentais e clínicos têm suficientemente demonstrados, - vê-se que o problema educativo não poderá ser devidamente assentado se não dermos o merecido apreço à atividade perceptiva do sujeito (ZAVALLONI, 1962, p. 38).

A Ciência Ontopsicológica define percepção como: “atitude para receber ou captar a ação e mensurar-lhe o valor. Atitude para receber e reconhecer a informação concretamente ou em símbolo” (MENEGETTI, 2012, p. 210).

Os órgãos dos sentidos (visão, audição, tato, gustação e olfato) e a experiência baseada nos sentidos externos, são dois pontos que os estudiosos concordam quando discorrem sobre o que é percepção e como ela acontece para aquisição do conhecimento, mas observa-se que mesmo assim permanece sempre uma interrogação, verificando-se que tais pontos não são suficientes para compreender a exata informação que a vida, a natureza constantemente está informando. A maioria das informações chegam de forma distorcida à consciência e outras nem são conscientizadas.

Consciência pode ser definida como: “existir junto àquilo que age ou que se age; significa colher aqui o que se move lá, e isso é o saber e, portanto, ser sujeito do que se objetifica em relação ao aqui, onde eu estou” (MENEGETTI, 2006c, p. 136).

A consciência, ao interpretar, definir ou traduzir a experiência, tende a atribuir a causas externas, deixando de refletir sobre as mesmas, por consequência, a consciência não percebe motivações e causas internas que podem, antecipadamente, interferir no reflexo consciente, restringindo a compreensão e a exatidão da consciência e, até mesmo, distorcendo a análise consciente (VIDOR, 2014, p. 64).

Segundo Vidor (2014), a psicoterapia é um instrumento capaz de examinar e corrigir a consciência, fazendo com que o sujeito comece a perceber informações e intenções funcionais das não funcionais. A consciência deve passar a refletir, baseada na percepção orgânica, a melhor situação, a melhor escolha, para o Eu do indivíduo atuar com criatividade. “Ação, percepção e compreensão sempre devem coincidir com a dinâmica de informações da própria alma” (VIDOR, 2014, p. 70).

Meneghetti (2006b) enfatiza que os indivíduos estão em constante interação entre si, com o ambiente, com os objetos e que o corpo do homem tem uma percepção natural, ínsita, no entanto permanece subtraída da consciência.

Um das descobertas da Ciência Ontopsicológica é o monitor de deflexão⁷ que é um dispositivo especular, inserido no setor cerebral, que deforma, altera as informações e os processos da percepção orgânica, fazendo com que a consciência não reflita a realidade, e os resultados desta deformação são: “1) subtração da consciência do Em Si, o homem tornar-se inconsciente de si mesmo; 2) ocupação dos primeiros categóricos ou postulado do comportamento ético e 3) experiência do medo e da angústia” (MENEGETTI, 2010, p. 174).

O monitor de deflexão é um programa acumulado no interior das células cerebrais que age com interferência especular, antecipando e defletindo a percepção egoceptiva com base em uma imagem dominante impressa durante o momento de aprendizagem da vida: a infância. Sucessivamente, o monitor renova continuamente essas imagens, por meio dos sonhos, dos estereótipos, das instituições, da cultura selecionada” (MENEGETTI, 2012, p.176).

“*Corpo palavra da alma*”⁸, frase dita por Antonio Meneghetti em vários de seus livros, assinala a importância do corpo, ressaltando que é através dele que o ser, ou o princípio da vida, ou o Em si ôntico, se manifesta, e que “o ser inicia e se estrutura a partir dos nossos modos de perceber” (MENEGETTI, 2015, p. 9).

A principal descoberta da Ciência Ontopsicológica é o Em Si ôntico definido como: “centralidade do ser; princípio formal inteligente que faz autóctise histórica; princípio dinâmico que organiza todas as possíveis dinâmicas do inconsciente e do orgânico; é um princípio vital, sem o qual não podemos viver” (MENEGETTI, 2012, p. 84-85).

Assim, o corpo é um radar e por meio dele é possível irradiar, captar, receber, compreender, perceber, ressoar, reagir, ser, variar, conforme as informações recebidas do ambiente, necessitando, ainda, estar consciente de si mesmo (MENEGETTI, 2006a; 2014).

Segundo Meneghetti (2010), para ter uma percepção precisa, verdadeira, se faz necessário dar atenção ao segundo cérebro do corpo, chamado também de cérebro neurogastroenterológico, de cérebro viscerotônico, composto pelo intestino, estômago, esôfago, colon, etc., porque neste segundo cérebro o monitor de deflexão não age.

Gershon (2000), em sua obra “*O segundo cérebro*”, diz que:

Hoje, sabemos que existe um cérebro no intestino, por mais inadequado que possa parecer esse conceito. O horrível intestino é mais intelectual do que o coração e pode ter maior capacidade para “sentir”. É único órgão que contém

⁷ A novidade da Ciência Ontopsicológica são as suas descobertas inéditas e exclusivas: Em Si ôntico, campo semântico e monitor de deflexão, que serão definidos no transcórpor do trabalho.

⁸ Um dos livros é *Pedagogia Ontopsicológica* (MENEGETTI, 2014).

um sistema nervoso intrínseco capaz de mediar reflexos na total ausência de informação do cérebro ou da medula espinhal (GERSHON, 2000, p. 11).

E neste sentido, Chikota e Pozza (2015) e Chikota (2016) apontam que para o indivíduo escolher e atuar de maneira precisa é necessário conhecer o funcionamento da percepção e cognição.

A Escola Ontopsicológica (MENEGETTI, 2010) sistematizou o processo perceptivo-cognitivo em três níveis: 1) percepção exteroceptiva, 2) percepção proprioceptiva e 3) percepção egoceptiva. Cabe esclarecer que são três fases de uma única percepção.

- 1) Percepção exteroceptiva: “refere-se a qualquer estimulação externa e interna na primeira fase de contato e enquanto ainda permanece setorial”. São todas “as formas de sensibilidade cutânea, orgânica e visceral ou neurovegetativa” (MENEGETTI, 2010, p. 176).
- 2) Percepção proprioceptiva: “coenvolve o organismo total, por isso cada setor do organismo é informado, é a confluência das estimulações viscerotônica, emotivas e instintivas, ou seja, refere-se ao conhecimento dos estímulos-forças do inconsciente orgânico e ambiental” (MENEGETTI, 2010, p. 176). Chikota e Pozza (2015) salientam também que a proprioceptividade é a convergência, é a síntese de todas as informações que chegam momento a momento. Segundo Meneghetti (2010) é no cérebro visceral que o campo semântico é evidenciado. Campo semântico é outra descoberta da Ciência Ontopsicológica, que “é uma informação que se transmite de um indivíduo a outro. É a informação base que acontece antes de todos os sentidos, antes de todas as emoções, antes de toda a consciência: é o telefone por meio do qual a natureza e o homem falam” (MENEGETTI, 2006c, p.100). É a “comunicação-base que a vida usa no interior das próprias individualizações” (MENEGETTI, 2012, p. 36), e também definido como transdutor informático sem deslocamento de energia (MENEGETTI, 2010; 2012, p. 38-39).
- 3) Percepção egoceptiva: “é a percepção egóica, ou o quanto selecionado dos dois níveis precedentes e referido ao Eu consciente voluntário e operativo. O quanto, o como e o qual da informação total alcança o Eu, conseqüentemente o Eu é coenvolvido irrevogavelmente a uma responsabilidade” (MENEGETTI, 2010, p. 177-178).

Conforme Meneghetti (2010) as percepções extero e proprioceptiva acontecem instante a instante, através da interação do corpo com o holístico ambiental. Assim, até o segundo nível o sujeito não pode fazer nada, porque as informações chegam. A vida é dinâmica, acontece independente do eu conscientizar, ou não. No terceiro nível o Eu deve decidir, por isso a sua responsabilidade, em base ao que foi selecionado pelos dois níveis anteriores, utilizando o critério de utilitarismo funcional à sua identidade. Esta é a “egoceptividade ótima que seria uma compensação decisiva e operativa em reflexo correspondente ao total orgânico e organísmico” (MENEGHETTI, 2010, p. 179).

No entanto, Chikota e Pozza (2015) descrevem que normalmente o indivíduo não tem consciência do segundo nível, a propriocepção, e o problema está em como acontece a seleção da informação, porque entre a propriocepção e a egocepção está inserido um programa que altera a informação, o monitor de deflexão, fazendo o eu agir em desacordo com a informação do seu projeto de vida, do seu Em Si ôntico.

Para atingir com exatidão e rigor o processo perceptivo-cognitivo, é preciso fazer uma revisão crítica. Trata-se simplesmente de formalizá-lo ou egoicizá-lo; isto é, assumir este quântico e normalizá-lo segundo as exigências de uma história individuada eficiente (CHIKOTA e POZZA, 2015, p. 52).

Chikota (2016) também aponta que é a partir da decisão e da ação do Eu em perceber a propriocepção, para se chegar a auto-evidência, é que se vai modificar as influências das informações do superego materno e social⁹ (causas da redução da egoceptividade), que constelam um padrão de comportamento. Diz também, que estas modificações devem ser mantidas através de um novo estilo de vida.

A Ciência Ontopsicológica acena a possibilidade do homem vir a conhecer a parte desconhecida da consciência, como consequência a reflexão do real, fazendo o Eu agir em conformidade com o seu projeto de natureza. E esta possibilidade, alternativa para recuperar a exatidão de consciência, é a metanoia.

Metanoia (do grego: mudo a mente). Variação radical do comportamento para identificá-lo à intencionalidade do Em Si. Reorganização em evolução progressiva de todos os modelos mentais e comportamentais. A sua essência é o desinvestir-se continuamente do passado e o constituir-se sobre a funcionalidade imediata do sujeito aqui e agora, segundo a seleção do Eu a priori. Com este termo a Ontopsicologia entende *uma mudança do piloto Eu*:

⁹ Superego materno ou matriz reflexa são as primeiras e fundamentais relações afetivas, e é adquirido através da afetividade ótica. Superego social é o corpus estatutário social é introduzido através da audição (CHIKOTA e POZZA, 2015, p. 48).

substituir o Eu formado pela doxa por aquele Eu sublimado pela intencionalidade do Em Si ôntico (MENEGETTI, 2012, p. 172).

De acordo com Meneghetti (2011) é condição fundamental e indispensável a consultoria ontopsicológica de autenticação, para isolar a ação do monitor de deflexão, e conseqüentemente o indivíduo recuperar a percepção organísmica, mudar a mente e o comportamento, proporcionando ao indivíduo a ter um Eu lógico-histórico funcional, passando a escolher, decidir, encontrar sozinho a solução ótima.

Fazer metanóia significa lavar-se, limpar-se, tornar-se transparente; não quer dizer abandonar algo, fazer amputações ou privações: trata-se de ser transparente para colher o ponto de realidade, o ponto de identidade. Após isso, começa a revelação do próprio “dentro”, do próprio último, do próprio Em Si ôntico: inicia a luz interior, que seleciona o que é para si mesmo e o que não é (MENEGETTI, 2006c, p. 203).

Meneghetti diz ainda que o processo da metanoia, ou seja, livrar-se dos estereótipos, complexos, opiniões não funcionais ao sujeito, “implica decisão contínua e capacidade racional”, para “aprender a arte de ser mestre de si mesmo, reformando em evolução todos os modelos de comportamento” (MENEGETTI, 2010, p. 264).

Mendes (2015) afirma que a “aprendizagem é contínua, não há um momento de conclusão, dado que a vida é um *continuum* e que, enquanto vivente, o homem é chamado a conhecer” (MENDES, 2015, p. 190).

4 Método

O trabalho científico parte da motivação em produzir um novo conhecimento, e para tanto se faz necessário uma metodologia capaz de organizar o pensamento e o estudo do pesquisador.

De acordo com Oliveira (2000) “é no processo de redação de um texto que nosso pensamento caminha, encontrando soluções que dificilmente aparecerão antes da textualização dos dados provenientes da observação sistemática” (OLIVEIRA, 2000, p. 32).

A metodologia científica é um “instrumento fundamental para construir a capacidade de construir conhecimento. Aprender a aprender e saber pensar, para intervir de modo inovador” (DEMO, 2004, p. 9).

Desta forma, para esta pesquisa, foram adotados dois tipos de abordagens para desenvolver o presente trabalho, cujo tema é *“Perceber-se e Aprender-se: caminho para o autoconhecimento”*.

Uma das abordagens utilizadas é um estudo teórico através da pesquisa bibliográfica, pois é uma metodologia facilitadora na busca de informações para embasar o tema proposto.

A pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado. Tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa inclui material impresso, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos. Todavia, em virtude da disseminação de novos formatos de informação, estas pesquisas passaram a incluir outros tipos de fontes, como discos, fitas magnéticas, CDs, bem como o material disponibilizado pela internet (GIL, 2010, p. 29).

A outra abordagem é a pesquisa narrativa, escolhida para organizar, inicialmente, o entendimento da pesquisadora sobre o tema de pesquisa, permitindo olhar para si mesmo como fonte de informação e servindo de exemplo para os leitores entenderem o tema proposto – metodologia possível de ser empregada neste trabalho, já que estamos dentro da seara da pesquisa qualitativa e no campo das Ciências Humanas.

Segundo Sahagoff (2015) a pesquisa narrativa tem como qualidade a compreensão da experiência humana, e acredita que:

A pesquisa narrativa pode provocar mudanças na forma como as pessoas compreendem a si próprias e aos outros. Distanciando-se do momento de sua produção, é possível fazer uma nova leitura de si mesmo. A pesquisa narrativa é um estudo da experiência como história, assim, é principalmente uma forma de pensar sobre a experiência, que pode ser desenvolvida apenas pelo contar de histórias, ou pelo vivenciar de histórias. A narrativa é o método de pesquisa e ao mesmo tempo o fenômeno pesquisado (SAHAGOFF, 2015, p.06).

O relato vivencial, assim chamado pela pesquisadora, como recurso metodológico é uma experiência que contribui para o aprendizado, estimula a autoconfiança, a comunicação e a curiosidade.

Toda pesquisa, independente do método, é uma arte que necessita do homem na sua integralidade, para fazer nascer a sua obra prima e esta servir de inspiração a outras pessoas e provocação para continuar a fazer sempre e melhor.

5 Um diálogo entre o fazer e a teoria [análise]

Ostrower (2005), em seu livro *“Universos da Arte”*, escreve sobre um curso de arte que organizou e ministrou para os operários de uma fábrica no Rio de Janeiro,

associando a teoria (dados dos artistas e das épocas estudadas) com exercícios práticos, “a fim da teoria não se resumir a conceituações secas e sim revelar o dinamismo da própria vida” (OSTROWER, 2005, p. 17).

Sendo assim, aqui, será apresentado um diálogo entre a experiência vivencial ocorrida durante as oficinas e a teoria já disposta neste artigo e outras que poderão surgir no transcorrer do trabalho.

Meneghetti (2003) afirma que:

A cultura experimental passa por meio de qualquer coisa: o vinho, uma maçã, um quadro, uma música, a dança, a escultura, uma árvore, a lua, uma boa cozinha, um tipo de roupa. É importante essa experiência-base porque o Em Si ôntico – que é o que intui, o significativo – tem necessidade de um Eu lógico-histórico capaz de verbalização, de saber como se faz o processo de encarnação (MENEGETTI, 2003, p. 220).

Verificam-se alguns pontos significativos que ocorreram em cada início dos trabalhos, são eles: *resistência, ansiedade, insegurança, irritação e impaciência*, podendo-se afirmar que são resultados de informações distorcidas e alienantes de efeito do monitor de deflexão, e que no primeiro momento paralisaram a “artista-pesquisadora”.

Conforme aponta Meneghetti (2012), a resistência é contrária à mudança de mente, impossibilitando o indivíduo de refletir a informação orgânica, permanecendo assim fora de si. E de acordo com os estudos teóricos já apresentados na presente pesquisa, é necessário continuamente, momento a momento, fazer revisão crítica e racional de si mesmo, para perceber o ponto força capaz de fazer o Eu agir em conformidade ao utilitarismo funcional da própria identidade.

Meneghetti (2010) quando trata sobre a exatidão do pesquisador, indica cinco critérios¹⁰ que devem ser atuados para se ser um homem exato. No entanto, neste momento destaca-se o terceiro critério:

Univocidade entre as percepções do sujeito: que o sujeito perceba com os pés, com os olhos, com as orelhas, com a sensação, através da anamnese, ou através da linguagem onírica, o resultado é o mesmo; esse homem atinge o idêntico resultado com qualquer sentido de si mesmo que use. Qualquer modo específico que ele adote para conhecer, o resultado de cada parte singular, através da qual acontece, é o mesmo (MENEGETTI, 2010, p. 143-144).

¹⁰ Critérios para subjetividade: 1) Funcionalidade; 2) Correspondência com o ISO de natureza; 3) Univocidade entre as percepções do sujeito; 4) Controle sobre o objetivo; 5) Desaparecimento do sintoma (MENEGETTI, 2010).

Relativamente à primeira oficina observa-se que no momento em que ocorreu a retomada e se colocou na postura de vivenciar o novo, permitiu-se contatar, perceber a argila. A argila representa o húmus, a terra, a substância que compõe o homem e onde ele está posto. “Definimo-nos humanos enquanto derivamos do húmus, do sangue orvalhado deste imenso ventre que é a ‘mãe terra’: esta é a nossa estação vital” (MENEGHETTI, 2011, p. 287).

Miranda (2016) expôs durante a apresentação da oficina de escultura em argila a possibilidade de contatar o Em Si ôntico, por meio da atividade simples com o húmus e a arte.

Observa-se, também, que no momento em que ela, a “artista-pesquisadora”, colocou a atenção nas suas mãos, no fazer com as mãos, é como que sua mente parasse, em suas palavras: “*foi como eu tivesse zerado algo dentro de mim*” (Primeira oficina).

Meneghetti (2011, p. 251) afirma que “deve-se conseguir chegar ao *ponto zero* da atividade mental, porque ele é o ponto força, se chega a ele através do nascimento do eu, ou seja, através de ações acertadas e escolhas cômguas”.

Na segunda oficina foi possível colher que, mesmo sendo provocada pela irritação e impaciência, ela não desistiu, trabalhou em tudo aquilo que havia sido proposto. Na finalização do trabalho havia o orgulho e a alegria de ter feito algo novo e inesperado. Interessante também observar que mesmo chegando na segunda oficina “*mais tranquila em relação a trabalhos manuais*”, no momento que ela impactou a novidade ocorreu uma desestabilização, tendo que se reinventar em vários momentos.

A Escola Ontopsicológica ensina que a vigilância de si mesmo deve acontecer a cada momento. No transcorrer existencial nada pode ser dado como garantido, é preciso invariavelmente se auscultar organicamente, ou seja, verificar as informações dadas pelo radar viscerotônico em todos pequenos e grandes fatos da vida. Deste modo é possível isolar os efeitos do monitor de deflexão, que tenta, a todo momento, repropor um passado, uma memória não funcional (MENEGHETTI, 2010).

Na terceira oficina como ela mesma descreveu: “*entrei de corpo e alma*”. Intimamente ela conseguiu encontrar-se inteira, de corpo e alma e viver o momento com profunda alegria e dignidade. Despindo-se de qualquer autocrítica, deixando-se levar com confiança naquilo que estava sentindo.

Verifica-se que com a primeira oficina ela percebeu e vivenciou o mais primitivo e essencial do homem, a sua terra, o seu húmus, e aprendeu que aquilo percebido com as mãos faz parte de um todo, belo e verdadeiro. Com a segunda oficina,

aprendeu que é preciso se manter em constante ausculta para perceber as indicações que a vida, que seu projeto está apontando. Que o novo exige sempre uma atualização e que o novo se dá a todo momento, ou seja, é preciso se reinventar sempre. E, finalmente a terceira oficina é uma síntese de que a vida é sempre bela, basta vivê-la de corpo e alma.

6 Considerações Finais

O processo de aprender é transformador, porque por meio dele é possível um retorno para dentro de si mesmo, para aquilo que é essencial, um retorno ao princípio da vida do homem.

Relatar sobre as percepções ocorridas nas oficinas de arte teve como objetivo refletir sobre como se dá a percepção, onde verificou-se que o corpo nos comunica e percebê-lo como resposta aos anseios e dúvidas existenciais é o caminho inicial para estarmos na estrada de alcançarmos a felicidade, o autoconhecimento e a autorrealização.

Quanto mais conhecemos a nós mesmos, colhendo a partir de dentro, maior fica o nosso metro, ou a nossa racionalidade, e como consequência maior a abrangência pessoal, científica e social, ou seja, somos funcionais para nós mesmos e função para uma sociedade. Através do autoconhecimento (saber quem se é) é possível sair da mira dos estereótipos, interesses sociais e culturais que não nos fazem mais ser.

É preciso sempre voltar ao centro de si mesmo, para retornar fortalecido e limpo, não esquecendo de vigiar, constantemente, os pensamentos, as imagens, as fantasias e as relações. A mudança de mente é fundamental para que novos valores sejam absorvidos, aprendidos, e estes se tornarem motivadores para criar uma nova ordem pessoal, social e planetária.

A consciência é como um espelho e deve ser exata, limpa para refletir o real, a verdade. E um dos instrumentos capaz de recuperar a consciência organísmica e desenvolver a criatividade é a consultoria ontopsicológica de autenticação.

Cabe ressaltar que o objetivo geral do presente trabalho foi respondido, a percepção exata, organísmica é o caminho principal para o homem aprender-se e tornar-se aquilo que é.

Enfim, se o indivíduo recupera a exatidão de sua consciência, perceber-se de modo integral, aprende que ele é a natureza, o resultado é: 1) a autorrealização pessoal; 2) a construção de uma sociedade mais humana, pois o indivíduo nasce no social e a

sociedade é constituída de indivíduos; e 3) a ciência passará a estar a serviço, verdadeiramente, do ser humano.

REFERÊNCIAS

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. 14. ed. São Paulo: Editora Afiliada, 2012.

CHIKOTA, H. **Disciplina Inteligência e Percepção**. Anotações de verbais de aulas, disciplina realizada durante o Módulo II do Curso de Bacharelado em Ontopsicologia, Faculdade Antonio Meneghetti, 2016.

CHIKOTA, H.; POZZA, R. Da Intuição à autossabotagem: a pesquisa ontopsicológica nos correlatos neurofisiológicos do processo perceptivo-cognitivo do empreendedor. In: Fundação Antonio Meneghetti. **Ontopsicologia Ciência Interdisciplinar**. Volume I. Recanto Maestro, São João do Polêsine-RS, 2015, p. 25 – 57.

DEMO, P. **Pesquisa e construção de conhecimento**. 6. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.

GERSON, M. D. **O segundo cérebro**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2000.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisas**. 5. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2010.

MASLOW, A. **Diário de Negócios de Maslow**. Organizado por Deborah C. Stephens. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2003.

MATIAS, H. E.; LIMA, J. D; GÓIS, P. L. **Manuscritos**: Como suporte histórico dos registros do conhecimento, da escrita à encadernação. Universidade Federal do Maranhão, Centro de ciência Sociais – Curso de Biblioteconomia, 2011. Disponível em: <<http://rabci.org/rabci/sites/default/files/MANUSCRITOS.pdf>>. Acesso em: 13 de jun. de 2016.

MENDES, A. Gestão do Conhecimento e Ontopsicologia. In: Fundação Antonio Meneghetti. **Ontopsicologia Ciência Interdisciplinar**. Volume I. Recanto Maestro: Fundação Antonio Menghetti, 2015, p. 181-196.

MENEGHETTI, A. **Cozinha Viva**. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2006a.

MENEGHETTI, A. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

MENEGHETTI, A. **Imagem Alfabeto da Energia**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2006b.

MENEGHETTI, A. **Manual de Ontopsicologia**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editora Universitária, 2010.

MENEGHETTI, A. **Nova Fronda Virescit**. Introdução à Ontopsicologia para jovens. Vol. I. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2006c.

MENEGHETTI, A. **Ontoarte: O Em Si da Arte**. Florianópolis: Ontopsicologica Editrice, 2003.

MENEGHETTI, A. **Ontologia da Percepção**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.

MENEGHETTI, A. **Pedagogia Ontopsicológica**. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

MENEGHETTI, A. **Projeto Homem**. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2011.

MIRANDA, C. **Disciplina Arte e Cultura Humanista I**. Anotações verbais de aula, disciplina realizada durante o Módulo II do Curso de Bacharelado em Ontopsicologia, Faculdade Antonio Meneghetti, 2016.

OLIVEIRA, R. C. **O trabalho do antropólogo**. 2. ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, 2000.

OSTROWER, F. **Universos da Arte**. 24. ed. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2005.

ROGERS, C. R. **Tornar-se Pessoa**. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

SAHAGOFF, A. P. **Pesquisa Narrativa: uma metodologia para compreender a experiência humana**. Artigo apresentado na XI Semana de Extensão, pesquisa e pós-graduação – SEPesq Centro Universitário Ritter dos Reis, 2015.

VIDOR, A. **Opinião ou Ciência: tecnologia x vida**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

ZAVALLONI, R. **Educação e percepção**. Petrópolis: Editora Vozes limitada, 1962.